

Discurso do deputado Gilberto Marques Paulo em nome dos agraciados com a Medalha Nilo Coelho

Senhor Presidente
Senhores Conselheiros
Minhas Senhoras
Meus Senhores

Que as minhas primeiras palavras nesta solenidade sejam para explicar os motivos que levaram o ilustre Presidente desta Corte de Contas, meu fraternal amigo Fernando Correia, a punir-me como orador, em nome dos agraciados, hoje, com a Medalha do Mérito Nilo Coelho.

Por um critério, digámo-lo assim, hierárquico, o orador oficial deveria ser o ex-governador José Muniz Ramos, o que equivaleria, ao mesmo tempo, uma justa homenagem a um grande homem de bem, que passou pela Assembléia Legislativa, pela presidência do Poder Legislativo pernambucano, pela presidência do BANDEPE e Governadoria do Estado, cargos em que se houve sempre com discrição, seriedade e zelo exemplares, mais preocupado em bem servir do que em servir-se, e ao Patrono da Medalha que, hoje, nos é conferida, o ex-deputado federal, ex-governador e ex-senador Nilo Coelho, já que, de certa forma, os passos políticos de sua bem sucedida carreira se confundem com os do mais ilustre dos filhos de Petrolina.

Infelizmente, porém, justificando não poder, por motivo de grande emoção, Dr. José Ramos declinou do convite não restando a esta Egrégia Corte de contas outra opção formal, senão fazer recair o fardo oratório sobre os ombros deste humilde ex-prefeito do Recife.

Feita a explicação, passo a tentar desincumbir-me da missão.

Quando em 1992, ao agradecer à Assem-

bléia Legislativa e aos seus ilustres pares o título de Cidadão de Pernambuco, que me foi conferido por proposição do meu saudoso amigo deputado Arthur Correia, recentemente falecido, eu disse que era, realmente, um homem de sorte, a julgar pelas coisas boas que obtivera em Pernambuco desde o longínquo ano de 1958, quando, saído do Seminário de Maceió, aqui cheguei para bacharelar-me pela Faculdade de Direito do Recife.

Naquele momento, eu jamais poderia imaginar que, algum tempo depois, viria a ser eleito e reeleito deputado estadual, com votos de qualidade, o que me leva a repetir com Nietzsche, a sua Setença de Epicteto: "Destino, sigo-te! E mesmo que não o quisesse, deveria fazê-lo, ainda que gemendo".

Sou consciente de que venho de canto pobre, de gente humilde. E trago em mim a marca das coisas simples, onde não mora a pompa e não têm vez as formas despidas de significação. Nunca busquei a glória; não me seduz a fama.

No exercício dos diversos cargos ocupados em Pernambuco, ao longo dos últimos quarenta anos - secretário e professor da Faculdade de Direito, diretor da Fundação Joaquim Nabuco, secretário de Educação e Cultura da Prefeitura do Recife, presidente da Fundarpe, presidente da Fiam, Chefe de Gabinete da Secretaria do Governo do Estado, secretário do Interior e Justiça, secretário da Casa Civil, vice-prefeito, prefeito do Recife e deputado - permita-me a imodéstia, procurei sempre seguir à risca as lições de decência, probidade e honradez que recebi dos meus pais e dos meus mestres, policiando-me para que as posições a que fui alçado não me subissem à cabeça e não me transformassem numa pessoa diferente daquele rapaz pobre, filho de um humilde funcionário dos Correios e Telégrafos, de Palmeira dos Índios, que aqui chegou, sem cartas de recomendação e sem padrinhos, na segunda metade da década de 50.

Como o grande paraibano José Américo, eu digo sempre que os cargos que ocupei e ocupo não alteram minha vida. Conservo os mesmos hábitos, os mesmos sentimentos, o mesmo espírito e até, graças a Deus, os mesmos defeitos. É assim que sou e assim pretendo ser no que me resta de vida, até porque, em última análise, a receita tem dado certo. Repito Dante Alighieri. "Sou o que sou. SE assim me queres, aqui me tens".

É profundamente sensibilizado que recebo das honradas mãos do Presidente Fernando Correia a mais alta comenda deste Tribunal, com a qual se presta sentida homenagem ao homem em cujo governo, nos meados da década de 60, foi criada esta Corte de Contas. A homenagem a ele é justíssima, mas não só por isso.

Creio que os seus dirigentes quiseram, com ela, render o seu tributo de reconhecimento a um homem público em tudo por tudo digno deste nome, a um pernambucano nascido nas barrancas do "Velho Chico", em Petrolina, cuja vida adulta, a partir de 1946, como deputado Constituinte, foi um verdadeiro sacerdócio em prol do desenvolvimento do Estado.

A ele e somente a ele, como deputado federal em quatro legislaturas, sempre com votações ascendentes, como Governador e como Senador, colhido em meio ao mandato pela indesejada das gentes, em plena maturidade, Pernambuco deve o fantástico processo de desenvolvimento e transformação do Submédio São Francisco, com base em Petrolina e na vizinha Juazeiro da Bahia. A chamada "Califórnia Pernambucana" é fruto dos sonhos de Nilo, desde os primórdios da década de 50, quando, verdadeiramente apaixonado pelo desafio de vencer o flagelo do subdesenvolvimento econômico e social em que vegetava a sua gente ribeirinha, para ali levou o famoso Padre Lebret, a quem ouviu, com espanto, mas encantadíssimo, falar das potencialidades de Petrolina e do São Francisco com o monsenhor Ângelo Sampaio, em latim. Era surrealismo puro em plena caatinga.

A ele, somente a ele, Pernambuco deve o mais ousado e ambicioso programa de implantação e pavimentação de rodovias, interligando, pela sua

espinha dorsal, praticamente todo o Estado, do Recife a Araripina e, complementarmente, através dos subtrechos São Caetano/Garanhuns/ Arcoverde e Salgueiro/Petrolina.

Simples, generoso, cheio de vida, completamente avesso à violência, amigo dos amigos, e condescendente, até com os adversários - quem não os tem? - Nilo Coelho é um exemplo de Político, com P maiúsculo, que soube, como poucos, servir ao seu estado e à sua gente com descortino, bom senso, seriedade de propósitos e honradez, no que vem sendo seguido, no âmbito familiar, pelos manos Osvaldo, Geraldo, para não citar todos por economia ritualística.

Ao receber a Medalha que leva o seu nome, sinto-me imensamente feliz, porque sei que carregá-la mais do que uma distinção ou um título de honra, é um permanente incentivo ao trabalho, ao amor a Pernambuco e à lisura na condução da coisa pública.

Não poderia concluir esta alocução sem falar, embora epidermicamente, a respeito dos meus companheiros distinguidos com a Medalha do Mérito Nilo Coelho, mesmo correndo o risco de alongar-me a mais da conta, pelo que lhes peço desculpas.

Começo por José Muniz Ramos, o "Seu Zé" de sua antiga São Gonçalo e da sua Araripina natal, filho do tabelião e ex-prefeito Né Ramos e neto do velho Chiquinho Cícero, exímio dançarino, mesmo quando já em avançada idade.

Deputado estadual em duas legislaturas, presidente da Assembléia Legislativa e, nessa condição, governador do Estado, José Ramos começou sua vida pública em Alagoas, como Oficial de Gabinete do governador Muniz Falcão, seu primo. Pelas mãos e com o incentivo de Nilo Coelho, elegeu-se deputado e por quase oito anos foi um dedicado representante de expressiva parcela do Sertão do Araripina Assembléia Legislativa, onde, ainda hoje, é lembrado pela seriedade, por sua fidalguia, pela lealdade, por sua inata elegância e pelo seu comedimento, não constituindo exagero dizer-se que ele tinha a postura de parlamentar britânico dos áureos tempos da rainha Vitória, nos moldes de Disraeli ou de Gladstone.

Hoje, retirado da polícia numa espécie de auto-exílio em Araripina, sua pátria menor, José Ramos me faz lembrar Wenceslau Braz, que, após deixar a Presidência da República, ainda vigoroso, em 1918, retornou à sua mineira Itajubá e nunca mais deu um pio até o fim de seus dias no início dos anos 60. Mas bem que José Ramos poderia reconsiderar a sua posição, pois é do ramo e é dos bons. Pernambucano e o Araripe só têm a ganhar com isso.

Dois outros agraciados, os professores Ivo Dantas e Fernando Antônio Gonçalves, têm em comum o magistério universitário e serem ambos riograndenses do norte, legítimos papa-gerimuns, pernambucanizados por direito de conquista e por muito bem querer ao Estado onde vivem e residem e ao qual vêm prestando, há mais de vinte anos, relevantíssimos serviços.

Atual diretor da Faculdade de Direito e seu professor Titular de Direito Constitucional e Livre Docente em Teoria Geral do Estado, o professor Ivo Dantas é uma das maiores expressões do mundo jurídico pernambucano e brasileiro e digno continuador de mestres da categoria de Pinto Ferreira e Lourival Vilanova, entre outros.

O professor Fernando Antônio Gonçalves, ex-Secretário de Educação, Cultura e Esportes do *Estado de Pernambuco, na gestão do ex-governador Carlos Wilson*, até poucos dias, presidente da Fundarpe, pelo seu vasto saber humanístico e por sua dedicação ao magistério, igualmente enobrecer

a concessão da Medalha do Mérito Nilo Coelho, pelo Tribunal de Contas do Estado de Pernambuco.

Os outros três agraciados – os doutores Ulysses Lins de Albuquerque Neto, Lúcio José de Albuquerque Ferreira e Frederico José Pinto de Azevedo – são, digamos assim, a Prata da Casa desta Corte de Contas, distinguidos por sua dedicação ao trabalho e pelo acerto de suas atuações *nos mais importantes cargos de direção*. Ulysses foi um competente e zeloso Diretor Geral desta Casa, por anos, e Lúcio Ferreira, esta outra grande figura, que exerceu, com não menos firmeza e zelo, a direção do Departamento de Controle Municipal.

Devo registrar, por oportuno, que o Dr. Frederico Pinto de Azevedo, ex-Diretor Geral do Tribunal de Contas, após submeter-se a concurso, é, desde fevereiro deste ano, Juiz Federal Substituto da 2ª Vara Federal, o que patenteia o seu valor.

Finalmente, em meu nome e no nome de todos os agraciados, devo agradecer ao Presidente Fernando Correia e aos demais Conselheiros a homenagem com que fomos distinguidos, dizendolhes do nosso esforço, pelos tempos afora, para sermos dignos da Medalha, do seu Patrono e do Tribunal de Contas. Que Deus nos ajude neste propósito.

Recife, 27 de outubro de 1999.